

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Sofia Soares Dietmann

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso

“Corpo: Substantivo Coletivo”

Florianópolis

2021

Sofia Soares Dietmann

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso

“Corpo: Substantivo Coletivo”

Relatório de Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Tattiana Gonçalves Teixeira

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dietmann, Sofia
Corpo : Substantivo Coletivo / Sofia Dietmann ;
orientadora, Tattiana Teixeira, 2021.
25 min p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Dança. 4. Cultura. 5.
Linguagem Corporal. I. Teixeira, Tattiana. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Sofia Soares Dietmann

Corpo: Substantivo Coletivo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 14 de maio de 2021.

Prof.^a Dra. Daisi Irmgard Vogel
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Tattiana Teixeira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Fernando Antonio Crocomo
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Tatiana Leme
Avaliadora
Jornalista e bailarina profissional

AGRADECIMENTOS

Por tantos anos, vi seu nome citado nesse trecho dos trabalhos. Agora chegou a minha vez. Maria Cristina Flores Soares, tia Chica, minha mãe, obrigada pelo exemplo de força e conquista que você é, obrigada por ter me mostrado a capacidade que tenho, obrigada por me ensinar a importância da luta por um mundo mais igual para todos. Pai, obrigada por ter atravessado um oceano inteiro para que pudéssemos partilhar risadas e afetos. Agradeço toda conversa divaga sobre o mundo que fizeram da minha trajetória menos “encasulada”. Com você, aprendi que os mundos lá fora são diferentes e que paz de espírito é o segredo do sucesso.

Agradeço a minha irmã Melanie que, mesmo a 8624 km de distância, despertou em mim o amor pela fotografia, pelas coisas simples da vida e me ensinou a força e o poder que moram na gentileza.

À tia Doris, agradeço por ter me ensinado a dor e a delícia de ser bailarina. Minha primeira e eterna professora, hoje carrego a semente da arte que plantaste em mim há 18 anos. Agradeço aos amigos da dança que cresceram e descobriram o mundo comigo, e àqueles que encontrei ao longo da estrada. Vanessa, Laís, Wesley, Louise, Yas, Nando, Manu, conviver com vocês foi essencial para o resultado final deste trabalho.

À minha professora-amiga-*roomate* Marina, agradeço por tantos momentos felizes, desde os mais recentes na varanda de casa, até os mais antigos, há 6 anos atrás, quando, mesmo sem saber, me impulsionaste para essa vida “manezinha” cheia de sapateado e boas lembranças.

Agradeço especialmente a minha parceira da dança, do jornalismo e da vida, Lívia Tokasiki por tanta troca de amor e carinho. Yeda, pelas conversas relevantes e irrelevantes, todas elas indispensáveis. Ana Sophia, Gabe, Mahara, amigas-irmãs que, com segurança, digo que carregarei por perto pelo resto da vida. E a todos os colegas com quem tive o enorme prazer de dividir a sala, as opiniões, os surtos de fim de semestre e as festas de domingo.

Minha eterna gratidão a todos os professores maravilhosos que tive dentro do curso de jornalismo. Sempre falei com muito orgulho dos jornalistas incríveis com quem tive o privilégio de aprender. Pessoas conscientes, posicionadas, que me ensinaram a importância do jornalismo para o funcionamento da democracia. Em especial, agradeço à minha orientadora Tattiana Teixeira, que sempre apoiou minhas ideias e me fez acreditar na relevância deste trabalho.

Obrigada a todas as pessoas que entrevistei para a produção deste trabalho. Obrigada por me cederem seu tempo, seus conhecimentos e suas visões de mundo. Obrigada pela disposição em acessar suas sensibilidades e obrigada por compartilhá-las comigo.

E, sobretudo, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina que me mostrou a potência de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Foi na universidade que descobri o poder das minhas palavras e aprendi a lutar pelo que acredito. Eu valorizo e defendo o ensino público, para que continue transformando a realidade de milhões de jovens brasileiros.

“Que aconteceria, se, em vez de apenas construirmos nossa vida,
tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?”

GARAUDY, 1980

RESUMO

É através do corpo que se tem as primeiras interações com o mundo. Com ele é possível se relacionar com o outro, se comunicar. A partir deste entendimento, a dança surge como “uma solução adaptativa do corpo no decorrer da sua evolução biológico-cultural, tendo como fim último a comunicação” (GREINER, 2003, p. 01). Este Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso busca expor o processo de criação do vídeo documentário *Corpo: Substantivo Coletivo*, que discorre sobre as relações entre o corpo e a comunicação, com o apoio de três trabalhos coreográficos: *Na Manha do House*, *Ao passo que o tempo passa* e *Se não agora, quando?*. Este trabalho foi produzido durante a pandemia de Covid-19, entre janeiro e maio de 2021..

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Dança; Documentário; Cultura.

ABSTRACT

It is through the body that we have the first interactions with the world. Because of our bodies, we are able to communicate. Based on this interpretation, dance emerges as “an adaptive solution of the body in the course of its biological-cultural evolution, with the ultimate goal of communication” (GREINER, 2003, p. 01). This undergraduate thesis report seeks to expose the process of creating the video documentary *Corpo: Substantivo Coletivo*, which discusses the relation between body and communication, with the support of three choreographic works: *Na Manha do House*, *Ao passo que tempo passa* and *Se não agora, quando?* This work was produced during the Covid-19 pandemic, between january and march of 2021.

Keywords: Communication; Journalism; Dance; Documentary; Culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	EXPOSIÇÃO DO TEMA	17
2.1	O CORPO E A COMUNICAÇÃO	17
2.2	A DANÇA	18
3	DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DO FORMATO	18
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO	19
4.1	CONCEPÇÃO	19
4.2	CAPTAÇÃO E SEUS DESAFIOS	20
4.3	EDIÇÃO DO MATERIAL	21
4.4	CAPA	23
5	RECURSOS E CRONOGRAMA	23
6	DESAFIOS E APRENDIZADOS	24
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO A	28
	ANEXO B	28
	ANEXO C	29

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é uma necessidade humana e os processos comunicacionais se dão de distintas maneiras, variando, entre outros fatores, de acordo com o período histórico e com a cultura na qual estão inseridos. Diferentes civilizações desenvolveram, ao longo dos séculos, diversas formas de transmitir suas mensagens, resultando, assim, em uma infinidade de códigos que são definidos no campo de estudo da comunicação como “um conjunto de signos e regras de combinações desses signos que são utilizados na transmissão da mensagem” (ALVEZ, 2016, p. 8).

A arte, aqui entendida como “certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo” (COLI, 1995, p. 8), é umas das formas de comunicação mais antigas às quais se tem acesso. Segundo Silva (2009), no que diz respeito à dança:

Historicamente, os primeiros registros referentes à dança, datam do Período Paleolítico Superior, então, podemos afirmar que esta forma de expressão tem sido o caminho da manifestação natural, sobre o qual, desde o início, o desenvolvimento integral do homem foi desencadeado. Foi também através desta arte que o homem se comunicou, estabelecendo assim sua interação social e consequentemente a formação de uma sociedade estruturada (SILVA, 2009, n.p.).

A partir do entendimento que a arte é de uma forma de comunicação milenar e de que esta é uma necessidade humana básica, tem-se como tema central do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) as potencialidades da linguagem corporal, mais especificamente da dança, enquanto uma forma de comunicação.

O corpo é protagonista no entendimento e absorção de informações. “É preciso enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência” (NÓBREGA, 2008, p. 142). Entende-se aqui percepção como o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto.

O ato de dançar se apropria de diferentes significações e gera diferentes percepções, a depender do contexto no qual está inserido. Independentemente da realidade cultural e geracional, trata-se de uma forma de comunicação, partindo do entendimento que “a comunicação é o efeito de um acontecimento naquele que é afetado. Ou seja, um acontecimento, quando incide sobre um indivíduo provoca sensações” (ALVES, 2016, p. 39).

Portanto, explora-se no presente trabalho não apenas a capacidade comunicativa do dançar, mas as potencialidades presentes na subjetividade da arte para o universo da comunicação. Segundo Ferreira (2010), “o nosso corpo mostra-se como elemento vital para a constituição da nossa consciência e meio de comunicação entre ela e o mundo” (FERREIRA, 2010, p. 55).

Para tanto, foi desenvolvido um vídeo de 24 minutos minutos, que se apoia no trabalho coreográfico de três núcleos artísticos, entrelaçados a entrevistas de pesquisadores do corpo e da comunicação.

A escolha da temática abordada se deu pela proximidade com ambas as áreas exploradas no documentário: a dança e a comunicação. Ao refletir sobre a relevância deste produto, acredita-se que esta pode ser uma contribuição para o campo da comunicação no sentido de que se propõe a investigar e evidenciar as convergências entre os estudos da comunicação e da linguagem corporal com os estudos de dança, não apenas enquanto formato artístico, mas, sim, a partir do entendimento do corpo enquanto parte essencial do processo comunicacional. Para tanto, apoiar-se-á na ideia de que “pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo, um centro de informações para nós mesmos” (WEIL & TOMPAKOW, 1986, p. 7).

Segundo Dantas (1997), o dançar

apela à sensibilidade e à inteligência. Dito melhor, apela a uma inteligência sensível, pois apela às vivências, aos sentimentos e também ao conhecimento conceitual do fruidor. Ao obrigar os espectadores a reorganizarem sua percepção do corpo e do movimento, a dança pode instigar mudanças nas suas concepções e visões de mundo (DANTAS, 1997, p. 16).

Logo, este trabalho se propõe a discutir não só a relação entre dança e comunicação, mas também cria espaço para uma discussão sobre responsabilidade social. Ao entrevistar pessoas com corpos diferentes, vindas de vários lugares do país, o documentário objetiva explorar as mensagens carregadas por cada trabalho coreográfico, mas também dialogar com as vivências corporais de cada entrevistado dentro e fora do âmbito da performance. Buscando a pluralidade de vivências entre os entrevistados, o trabalho ressalta a vida cotidiana de cada um, a partir do entendimento de que “o cotidiano é uma experiência que cria nossa memória gestual. E gesto constitui o corpo, corpo constitui lugar na sociedade e lugar na sociedade constitui a própria sociedade” (MACHADO, 2021).

2 EXPOSIÇÃO DO TEMA

2.1 O CORPO E A COMUNICAÇÃO

É através das percepções corpóreas que se tem as primeiras interações com o mundo. É a partir e exclusivamente do corpo que se obtêm conhecimento, experiência, aprendizado, para, deste modo, desenvolver ideias, posicionamentos e soluções para questões humanas. Na obra *O Corpo Fala - a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*, de Pierre Weil e Roland Tompakow, de 1986, os autores ressaltam a importância da percepção sobre o outro para a comunicação:

O homem é um ser altamente perceptivo e, certamente, percebe seus semelhantes. Como não haveria de perceber-lhes a diferença entre a atitude favorável, neutra ou francamente desfavorável ao seu EU? E de que maneira, senão pela percepção da linguagem do corpo — antes que inventassem as gramáticas e os dicionários? [...] O homem é programado para discernir, mas o hábito de atentar para as ferramentas-símbolos, chamadas palavras, afastou-o da percepção consciente total imediata do "aqui e agora" (WEIL & TOMPAKOW, 1986, p. 39-40).

Segundo Merleau-Ponty (1999), diferentemente do que se entendia no período greco-romano — caracterizado pela “tendência de atribuir ao corpo valor secundário e à mente, primazia” (FERREIRA, 2010, p. 49) —, todas as interações humanas, incluindo a comunicação, não partem da mente, mas sim do corpo.

Para que se possa compreender a comunicação enquanto uma experiência corpórea, é necessário refletir sobre a ideia de sensorialidade. Segundo Campos,

Podemos então compreender a sensorialidade como um amálgama entre o interior e o exterior a si mesmo, permitindo o acesso ao núcleo isolado do self a partir do qual as razões da alma podem encontrar uma expressão no mundo compartilhado (CAMPOS, 2017, p. 127).

Ou seja, trata-se da incitação de memórias e percepções de mundo construídas individualmente a partir de estímulos externos, que levam o indivíduo a uma compreensão sensível dos fatos. É a capacidade humana de interseccionar experiências sensoriais particulares com experiências coletivas.

Por fim, percebe-se que o corpo é uma importante ferramenta de análise para a comunicação, já que, a partir da observação de gestos e expressões faciais, é possível identificar intenções muitas vezes negadas verbalmente:

O homem é um ser em movimento e, ao mover-se, põe em funcionamento formas de expressão completas e complexas, que são, de resto, socialmente partilhadas, a exemplo das formas da língua. Portanto, ao exprimir-se com seu corpo, ele o faz de

maneira tão clara, que não mais há como desdizer-se ou voltar atrás (RECTOR & TRINTA apud ALVES, 2016, p. 17).

2.2 A DANÇA

A dança faz parte do pacote cultural de inúmeros povos ao redor do mundo. “Indo aos primórdios, pode-se observar que a dança era parte de uma manifestação do coletivo, constituída junto às tradições culturais populares” (SILVA et al, 2018, p. 105). Como citado anteriormente, o corpo foi o lugar primeiro da transmissão de ideias e comunicação com o outro. Logo, é possível entender a dança como um aprimoramento desse diálogo inicial, um refinamento desta linguagem. “Ou seja, a dança nada mais é do que um processo de comunicação altamente complexo e especializado que emergiu no corpo quando este se mostrou apto a elaborar processos simbólicos nascidos de caldos culturais” (GREINER, 2003, p. 51).

A sociedade atual vive sob a égide de um mundo que evolui a cada minuto. A tecnologia e a imagem impregnam as aspirações pessoais a cada instante. Desta forma, os muitos estímulos recebidos podem contribuir para a diminuição da sensibilidade. Nesse contexto, pode-se mencionar a dança como um mecanismo de resistência, pois ela envolve todos os nossos sentidos e desperta sensações que abarcam o homem sob o meio que o cerca (SILVA et al, 2018, p. 105).

Logo, ao recuperar a inteligência sensível do ser humano, a arte, e a dança em específico, é capaz de atingir a subjetividade ao mesmo tempo, daquele que dança e daquele que assiste.

3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DO FORMATO

Com o intuito de refletir sobre corpo, linguagem corporal e como os processos comunicacionais se dão nas relações humanas a partir destas lentes, o trabalho *Corpo: Substantivo Coletivo* busca dialogar não apenas com bailarinos/bailarinas e profissionais da dança, mas também com pessoas de outras áreas que trabalham com o corpo e com as relações corporais cotidianas.

Ao que diz respeito ao formato, trata-se de um vídeo documentário de 24 minutos dividido em três momentos:

- 1) Introdução e apresentação do primeiro entrevistado, o dançarino, professor, pesquisador e gestor cultural Hugo Oliveira. Hugo apresenta o seu espetáculo *Na Manha do House*, produzido pelo grupo Bonde do Jack, sob sua direção. O espetáculo trata da simbiose

entre o estilo de dança estadunidense *house* e o funk carioca e das semelhanças das duas modalidades enquanto culturas diaspóricas.

2) Apresentação do vídeodança *Ao passo que o tempo passa*, dirigido por Isabella Sericella, que se desenrola a partir de áudios de relatos pessoais de diversas pessoas durante o primeiro mês da pandemia de Covid-19 no Brasil, em março de 2020.

3) Apresentação do trabalho *Se não agora, quando?* de Marina Coura, diretora da Companhia Trupe Toe e da escola Garagem da Dança. O trabalho aborda, a partir do *tap dance* - conhecido no Brasil como sapateado americano - questões sobre igualdade social.

Ao longo de todo o trabalho, as cenas coreográficas conversam com os apontamentos sobre corpo, política e cultura feitos pelos entrevistados especialistas Márcia Bozon de Campos (Instituto Sedes Sapientiae), Marcus Vinícius Machado (UFRJ), Christine Greiner (PUC-SP) e Zilá Muniz (UDESC).

Inicialmente, tinha-se como proposta a realização de uma série de três vídeos, dividindo, assim, cada trabalho coreográfico em episódios distintos. Não foi possível, contudo, estruturar o material desta forma, devido às restrições de deslocamento, que reduziu substancialmente a quantidade de material bruto para edição, visto que, durante a elaboração do planejamento deste TCC, foram previstas viagens até as cidades dos entrevistados.

Dadas as condições vigentes, optou-se pela realização de um vídeo documentário que fosse capaz, de forma organizada e clara, de expor a temática do corpo como forma de comunicação. A escolha por um material audiovisual se deu pela necessidade de captação do corpo em movimento, essencial para o entendimento do trabalho. Dentre os formatos audiovisuais possíveis, foi escolhido o documentário por entender que este

é um gênero fortemente marcado pelo "olhar" do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende (MELO, 2002, p. 29).

O nome “Corpo: Substantivo Coletivo” foi a última decisão tomada. Tinha-se o desejo de utilizar a palavra “corpo” enquanto sinônimo de coletivo no entendimento de que, apesar das diferenças físicas entre as pessoas gerarem tantas desigualdades socioeconômicas, é também o corpo que une e identifica a espécie humana. O título, portanto, não tenta apagar a singularidade do indivíduo, mas sim valorizar aquilo que é compartilhado por todos.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 CONCEPÇÃO

Quando comecei a concretizar ideias para a temática do trabalho de conclusão de curso, tinha como objetivo realizar uma reportagem em vídeo em dupla sobre as comunidades interioranas do estado da Bahia. Por conta da pandemia de Covid-19, que se alastrou pelo planeta em 2020, se firmando no Brasil em março daquele ano, o que era uma ideia de TCC em 2019, perdeu totalmente a viabilidade. Ainda por um tempo, se tentou adaptar o trabalho para torná-lo exequível nas condições vigentes. A frustração pela sensação de um trabalho incompleto somada aos medos e inseguranças do período, contudo, fizeram com que eu e minha dupla optássemos por seguir caminhos distintos.

Foi em uma discussão com uma professora-amiga — durante uma das muitas aulas de dança que sustentaram os meus dias no primeiro ano de pandemia — que compreendi a importância do corpo para a comunicação e como se aprofundar nos estudos sobre linguagem corporal pode acrescentar nas nossas relações cotidianas.

A partir dessa reflexão, decidi entrelaçar os últimos cinco anos de graduação em jornalismo e os últimos 18 estudando a arte da dança enquanto formadora de opinião para produzir algo que refletisse essa trajetória. Durante a graduação, tive a oportunidade de construir muitas narrativas que tratassem da temática cultural. Sentia falta, contudo, de um trabalho que ultrapassasse a barreira do artístico e tratasse, com profundidade e de maneira questionadora, questões culturais da nossa sociedade.

Ao observar o espaço dado à produção de jornalismo cultural nos principais veículos de comunicação atuais, se percebe um foco em matérias sobre produções artísticas, e não materiais que efetivamente pautem aspectos da cultura do local. Ou, como apontado por Golin (2009), “o uso corrente do termo jornalismo cultural é lacunar; define por cultura aquilo que, nos veículos midiáticos, é destinado às manifestações artísticas, muitas vezes às variedades, pautado, sobretudo, pela marca do tempo de lazer” (GOLIN, 2009, p. 5).

Definida a temática do corpo e da comunicação, me propus como desafio produzir um trabalho jornalístico cultural que provocasse um questionar e que apelasse à “inteligência sensível” (DANTAS, 1997) do espectador, sem negligenciar o trabalho artístico dos entrevistados. Como apontado por Golin et al (2008), o jornalismo cultural

dinamiza, documenta, avalia o sistema cultural, agenda formação de públicos e fornece parâmetros interpretativos da cultura de um determinado período e local [...]. Por meio dos limites de suas estratégias discursivas e das escolhas editoriais, realiza

a importante função de mediação, aproximando o público da experiência da arte, do pensamento e da cultura. A divulgação de uma obra de arte é mecanismo obrigatório para sua própria existência (GOLIN et al, 2008, p.1 apud CAVALCANTI, 2017, p 41)

4.2 CAPTAÇÃO E SEUS DESAFIOS

A primeira etapa de produção deste documentário foi, com absoluta certeza, o trabalho mental de aceitar as condições de trabalho. Entendi e aceitei sem nenhuma objeção as normativas impostas pela universidade, que orientavam que nenhuma atividade fosse realizada presencialmente. Acredito que aceitar estas condições e encontrar soluções a partir delas era a melhor alternativa, visto que esta certamente será uma marca dos materiais audiovisuais independentes produzidos nessa época. Acredito que tentar camuflar esta marca seria frustrante e inexecutável.

Assim, reorganizei o cronograma que havia estabelecido na disciplina de Planejamento de TCC, sob orientação da Prof.^a Dra. Stefanie Carlan da Silveira. Graças a esta disciplina, pude aproveitar o material de pesquisa e pré-produção reunido no semestre anterior, o que me permitiu iniciar o contato com as fontes e o agendamento das entrevistas em janeiro de 2020.

No mês seguinte, fevereiro, realizei a maioria das entrevistas, captadas virtualmente pela plataforma *Google Meet*. Com o apoio de uma amiga, que possui a versão paga da plataforma, pude utilizar o recurso de gravação de tela, o qual não é disponibilizado na versão gratuita do site.

Foi também no início do mês de fevereiro que saí do pequeno apartamento onde morei sozinha durante os últimos cinco anos de graduação e me mudei para uma casa com quintal, em frente à Lagoa da Conceição, com mais duas pessoas. Ressalto essa informação pois essa mudança foi muito importante para o desenvolvimento deste trabalho. Com mais espaço e mais cenários possíveis, pude explorar todas as potencialidades dentro e fora da casa, tendo em vista que se trata de um documentário que tange a percepção do sensível. Assim, gravei cenas na sala, nos quartos, no jardim, na área de serviço, o que contribuiu para uma maior variedade de imagens mesmo sem sair de casa.

A única exceção à captação virtual da entrevista foi com Marina Coura, criadora do espetáculo *Se não agora, quando?* pelo fato dela ser uma das pessoas com quem divido a casa. Além disso, a casa também sediou alguns dos ensaios da Companhia Trupe Toe, o que

me permitiu produzir materiais para o documentário. Essa relação tão próxima com a produção do espetáculo contribuiu positivamente para o trabalho.

Ainda em busca de um material variado para a obtenção de um resultado dinâmico, criei um ambiente de gravação durante as entrevistas, com uma câmera posicionada atrás de mim, enquanto realizava as entrevistas pelo computador. Ambas as ferramentas, a câmera e o computador, são objetos pessoais meus e sua utilização já estava prevista no planejamento inicial.

4.3 EDIÇÃO DO MATERIAL

Das 9 entrevistas que realizei, apenas duas não foram inseridas no produto final por não terem acrescentado na pauta. Ainda assim, em março, iniciei o trabalho de decupagem de todas elas pelo aplicativo *Evernote*, onde, além das decupagens, reuni todas as ideias que tive ao longo do processo e um esboço de roteiro para orientar a etapa de montagem. No aplicativo, é possível criar um caderno, que une todas as notas que tratam do mesmo assunto (ANEXO A).

Para otimizar a montagem do material, destaquei no *Evernote* as falas mais relevantes para o trabalho e indiquei a minutagem em que estavam nas gravações. Assim, quando efetivamente iniciei a montagem, praticamente não tive problemas em encontrar o material desejado.

Com roteiro e falas definidas, a etapa de montagem iniciou em abril, com a utilização do programa *Adobe Premiere Pro 2021*, a partir dos aprendizados que obtive nas disciplinas de Vídeo e Telejornalismo I e II, com os Profs. Drs. Fernando Antonio Crocomo e Antonio Carlos Brasil e na disciplina de Jornalismo e Narrativas Digitais, com a Prof.^a Dra. Stefanie Carlan da Silveira. Particularmente, sempre achei esta a etapa mais divertida do processo. Trata-se do momento onde a criatividade é um elemento fundamental para que se consiga obter um resultado interessante no encontro entre o que foi planejado no roteiro e o que foi adquirido com as entrevistas.

A conversa com amigos, as aulas de dança e o descanso foram essenciais nessa fase. Com o ciclo social reduzido pela necessidade de isolamento social devido à pandemia, o meu convívio diário é, essencialmente, com pessoas que, assim como eu, são artistas da dança. Logo, essas relações contribuíram muito para meu processo criativo.

O documentário possui uma estética caracterizada por quadros e frases destacadas. Isso se deu, inicialmente, devido a qualidade técnica das entrevistas. Por se tratarem, como mencionado anteriormente, de gravações pela plataforma *Google Meet*, e dependerem de uma

boa conexão com a *internet*, a maioria das entrevistas tiveram momentos de *delay* entre áudio e imagem, imagem com baixa qualidade ou imagem travada. Como mencionei anteriormente, acredito que esta seja uma marca das produções independentes que estão sendo lançadas durante a pandemia e, por isso, não fiz uma limpeza minuciosa desses momentos, nem tentei escondê-los por completo. Pensei, contudo, que poderia compensar as falhas técnicas com uma escolha estética que, além de tornar o material mais agradável, me trouxesse novos recursos narrativos. A exemplo, quando a entrevistada Isabella Serricella fala sobre seu pedido para que lhe enviassem relatos do presente, do passado e do futuro, o quadro se desloca conforme o espaço temporal mencionado. (ANEXO B).

As frases destacadas em branco e amarelo ao longo do documentário cumprem o papel de dinamizar o trabalho, além de criar elos entre as falas dos entrevistados e enfatizar os pontos importantes da discussão. A escolha tipográfica foi feita pensando na modernidade e na fluidez da tipografia, portanto optou-se por uma forma arredondada, sem serifa.

A opção de um documentário sem narração foi uma preferência pessoal. Apesar disso, decidi inserir imagens em que eu aparecesse – fazendo as entrevistas ou dançando, por exemplo – por sentir que meu envolvimento com a temática permite esse tipo de interação.

4.4 CAPA

A capa do trabalho é uma criação da estudante do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, Sofia Costa, grande amiga e artista que tive o prazer de conhecer em fevereiro de 2020. Acompanho seu perfil online *Cola FiloSofi* dedicado as suas colagens – criado durante a pandemia, também na tentativa de encontrar na arte um lugar para expressar as inseguranças do período – e acredito, verdadeiramente, na potência do seu trabalho.

Feito e aceito o convite, a execução foi inteiramente feita por ela. Para tanto, enviei o documentário já pronto e, baseado nas cores, nas mensagens e nos espetáculos, foi montada a capa. Pequenos ajustes de cores foram feitos. (ANEXO C).

5 RECURSOS E CRONOGRAMA

Os valores abaixo são uma estimativa dos gastos com a produção do trabalho. Os valores referentes à execução dos materiais audiovisuais foram estipulados segundo a Tabela de Frilas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

do relatório de TCC								
Depósito das cópias do TCC para banca								
Defesa final								

Fonte: elaborada pela autora (2021).

6 DESAFIOS E APRENDIZADOS

Introduzo essa seção do relatório com uma frase que muito escutei da minha mãe, que por sua vez escutou da sua orientadora de mestrado: “Minha flor, é preciso saber lidar com a realidade que a gente tem”. Acredito que este tenha sido o principal desafio, bem como o principal aprendizado da produção desse trabalho. A pandemia de Covid-19 exige inúmeras e cansativas adaptações. Não foi simples desenvolver um projeto que desperta tanta felicidade enquanto o cenário mundial está em luto, com mais de 3 milhões de mortes pelo vírus no mundo todo (GLOBO, 2021) e com o Brasil passando pela sua pior fase desde o início da pandemia em março de 2020, chegando a 4.249 óbitos em 24 horas no dia 8 de abril de 2021 (CNN, 2021). Atrelado a isso, está um governo que diminui a gravidade da pandemia e que se posiciona contra as medidas de segurança da Organização Mundial da Saúde - OMS. Este mesmo governo, que extinguiu o Ministério da Cultura em 2018 (FOLHA, 2019), não pauta suas decisões em prol da saúde, quiçá do desenvolvimento da cultura brasileira.

Tive, por diversas vezes, dúvidas sobre a natureza do meu trabalho, se se tratava realmente de um trabalho jornalístico ou não. Foi conversando com minha orientadora, Tattiana Teixeira - que além de incrível jornalista e admirável professora, é também uma amante da dança – que entendi que o jornalismo está nos lugares mais diversos, e que um trabalho que se apoia da arte e das sensações não perde seu caráter jornalístico. Pelo contrário, o que aprendi com este documentário é que a produção de um jornalismo cultural de qualidade exige certa ousadia, uma coragem de falar sobre assuntos que não tem resposta certa, que gerarão discordâncias e desconfortos, mas que, sobretudo, gerarão novos questionamentos.

Por fim, acredito que meus grandes aprendizados não só com a produção deste documentário, mas nos últimos cinco anos de graduação foram de reconhecimento e respeito às diferenças, do poder da arte e da cultura como agentes transformadores da sociedade e da importância de um jornalismo posicionado e questionador para o funcionamento da democracia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ingrid Maria. **O Corpo Fala na Dança: Uma Análise da Capacidade de Comunicação Através do Dançar**. Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araujo Cabral. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Superior/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5786>. Acesso em: 27 out. 2020.

BRASIL bate recorde e registra 4.249 mortes por Covid-19 em 24 h. **CNN Brasil**, [S. l.], p. n.p., 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/08/brasil-bate-recorde-e-registra-4249-mortes-por-covid-19-em-24h>. Acesso em: 5 maio 2021.

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **Apontamentos sobre as definições de jornalismo cultural nos anais da SBPJor**: 10 anos de análise sobre a mediação da cultura. Estudos em Jornalismo e Mídia, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 36-48, 26 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p36/35875>. Acesso em: 6 maio 2021.

CULTURA, sob Bolsonaro, vive volta da censura, perda de ministério e viés evangélico. **Folha de S. Paulo**, [S. l.], p. n.p., 28 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/cultura-sob-bolsonaro-vive-volta-da-censura-perda-de-ministerio-e-vies-evangelico.shtml>. Acesso em: 5 maio 2021.

DANTAS, Mônica. **Semiologia: uma via de acesso para o estudo do movimento em dança**. In: DANTAS, Mônica. Movimento: visibilidade do sentido dançante. 1996. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 1996. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8e693add64a85d11be9df6310fd36f03.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

FERREIRA, Maria Elisa. **O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget**. Ciências & Cognição, [s. l.], v. 15, 20 dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000300006. Acesso em: 27 out. 2020.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. 3°. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1973. 188 p.

GREINER, Christine. **A dança como estratégia evolutiva da comunicação corporal**. LOGOS 18: Comunicação e Artes, [s. l.], ed. 18, 1º semestre 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14705>. Acesso em: 27 out. 2020.

JORNALISMO cultural: reflexão e prática. **Sete propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências, São Paulo, ed. 1º, p. 23-38, 2009. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Jornalismo-Cultural-Reflex%C3%A3o-e-Pr%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 5 maio 2021.

MACHADO, Marcus Vinícius. Entrevista para o documentário *Corpo: Substantivo Coletivo*. Compositor: Sofia Soares Dietmann. Florianópolis: [s. n.], 2021

MELO, C. T. V. **O documentário como gênero audiovisual**. *Comunicação & Informação*, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168/14059>. Acesso em: 06 maio 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2º. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1999. 657 p. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf. Acesso em: 27 out. 2020.

MUNDO chega a 3 milhões de mortes por Covid com piora da pandemia na América do Sul. **Globo - G1**, [S. l.], p. n.p., 17 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/17/mundo-chega-a-3-milhoes-de-mortes-por-covid-com-piora-da-pandemia-na-america-do-sul.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2021.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. *Estudos de Psicologia*, [s. l.], 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200006. Acesso em: 27 out. 2020.

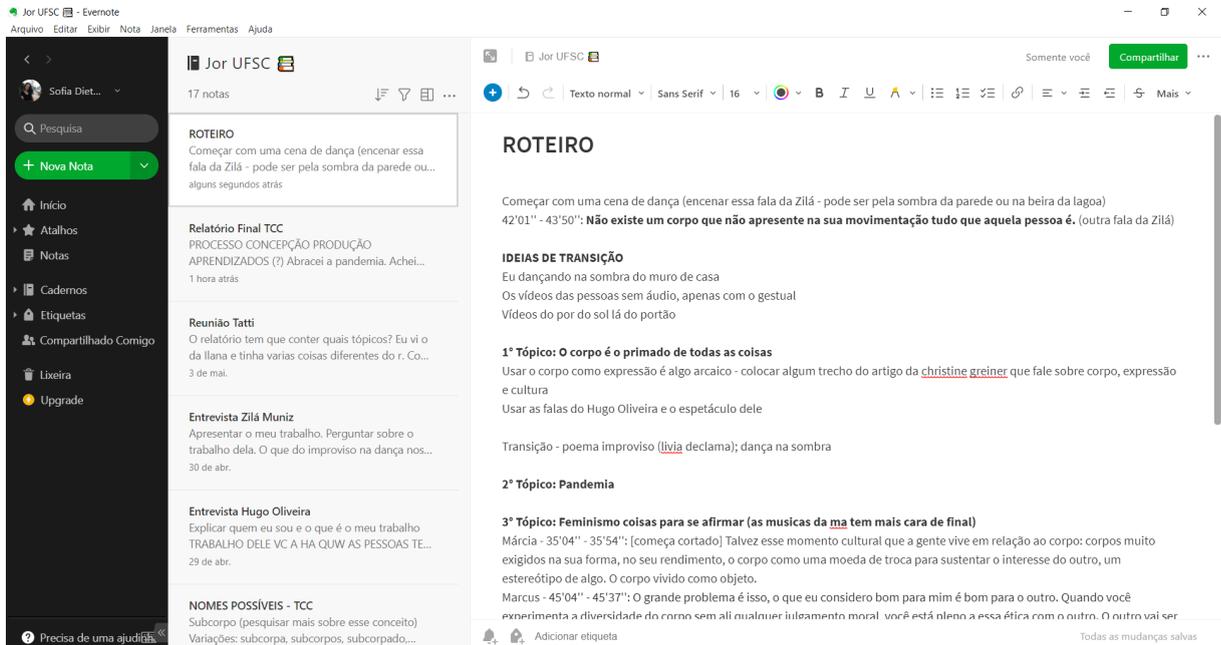
SILVA, Rayna et al. **Reflexões acerca da Dança-Teatro de Pina Bausch: o uso da repetição como objeto de denúncia**. *Revista do Colóquio*, [s. l.], n. 14, p. 103-110, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/19585>. Acesso em: 27 out. 2020.
Tabela de Frilas. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://sjsc.org.br/tabela-de-freeelas/>. Acesso em: 27 out. 2020.

SILVA, Silvana. **A dança: sentidos e significados**. *Efdeportes*, Buenos Aires, dez. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd139/a-danca-sentidos-e-significados.htm>. Acesso em: 29 nov. 2020.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. [S. l.: s. n.], 1980. Disponível em:

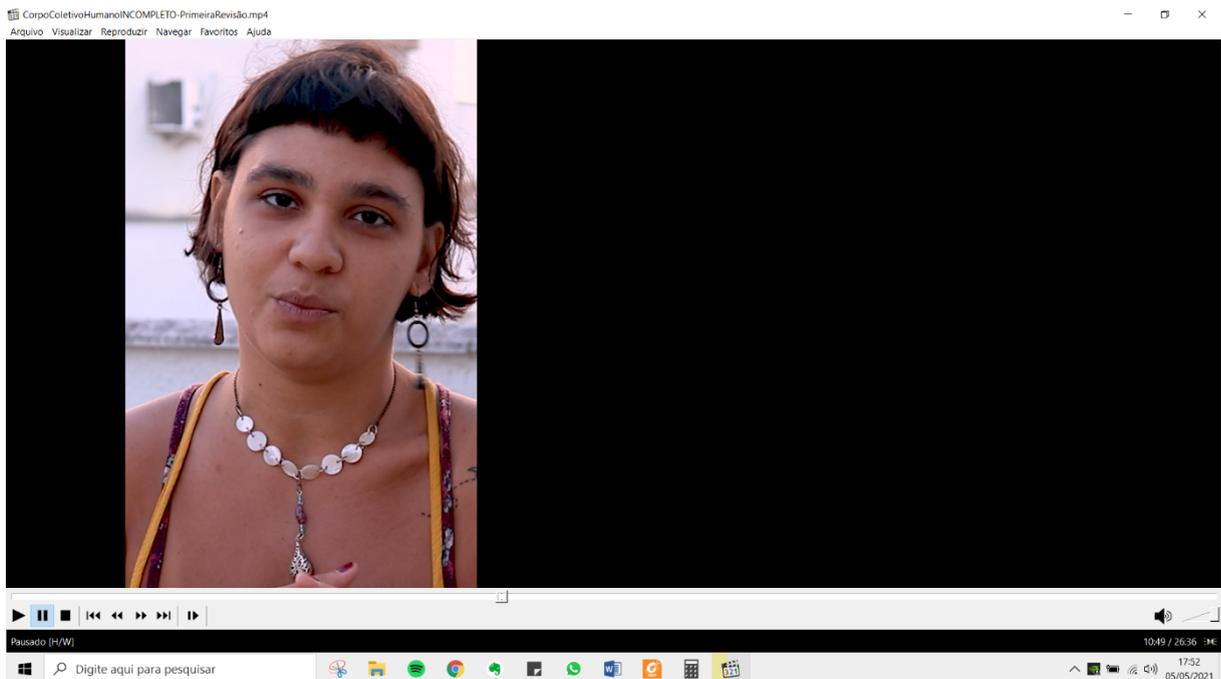
ANEXO A

Print do aplicativo *Evernote*, no caderno Jor UFSC, utilizado para organização e planejamento da produção do documentário.



ANEXO B

Print de trecho do documentário *Corpo: Substantivo Coletivo*, que exemplifica o uso dos recortes quadrados como recurso narrativo.



ANEXO C

Capa do documentário *Corpo: Substantivo Coletivo*

